



LIBERDADE E NATUREZA

I Ciclo de Palestras do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFJF
Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Existencialismo



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcus Vinicius David – Reitor
Girlene Alves da Silva – Vice-reitora

Instituto de Ciências Humanas
Robert Daibert Júnior – Diretor
Leonardo de Oliveira Carneiro – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Juarez Gomes Sofiste – Chefe de Departamento
Humberto Schubert Coelho – Coordenador do Curso
Paulo Afonso Araújo – Coordenador do PPG em Filosofia
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Aline Araújo Passos – Diretora
Luciana Gaspar Melquíades Duarte – Vice-diretora
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

É:
**Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Imagem da Capa
The Garden of Earthly Delights in the Museo del Prado in Madrid, c. 1495–1505,
attributed to Hieronymus Bosch

Comissão executiva
Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Conrado Jenevaim Braga – Secretário

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)	Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Boghos Levon Zekiyani (Università Ca' Foscari, Venezia)	Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)	Luís Henrique Dreher (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)	Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Débora Mariz (UFMG)	Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)	Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)	Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Fábio Fortes (UFJF)	Pedro Merluzzi (UNICAMP)
Germán Martínez (Fordham University, NY)	Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Gustavo Arja Castañon (UFJF)	Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)	Wolfram Hogrebe (Universidade de Bonn)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)	

Sumário

Editorial <i>Luciano Donizetti da Silva</i>	1
Artigos	
Natureza e liberdade em quiasma <i>Luiz Damon Santos Moutinho</i>	13
Natureza e liberdade em Husserl: epoché e constituição do mundo <i>Aimberê Quintiliano</i>	25
Natureza e liberdade: o corpo na ficção sartriana <i>Luiza Helena Hilgert</i>	49
Liberdade e necessidade: pensando a condição humana entre contingência e determinação <i>Carlos Eduardo de Moura</i>	75
Natureza e liberdade em Bergson <i>Tarcísio Jorge Santos Pinto</i>	102
Sartre e a encarnação do sujeito transcendental <i>Luciano Donizetti da Silva</i>	125
A angústia em Kierkegaard, Heidegger e Sartre – sobre o que a ciência não pode objetificar <i>Fabio Caprio Leite de Castro</i>	144
Sartre e a condição humana: a condenação a uma natureza imposta pela existência <i>Thana Mara de Souza</i>	165
Notas sobre a natureza, a liberdade e a tirania no discurso da servidão voluntária de Étienne de La Boétie <i>André Constantino Yazbek</i>	183
O corpo é uma grande razão: liberdade, consciência e natureza em Nietzsche <i>Joana Brito de Lima Silva</i>	199

EDITORIAL

Liberdade e Natureza

“O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem. Uma corda sobre o abismo. (...) O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se, no homem, é ser *uma transição* e um ocaso”.

Nietzsche¹

O homem ocupa-se de tudo, e não raro de tudo sabe sem sequer saber-se; a pergunta inevitável da filosofia de todos os tempos, tantas vezes respondida e ainda mais vezes retomada – o que é o homem –, leva muitas filosofias a *negá-lo* no intuito de *afirmá-lo*. Assim, a alma platônica *aprisionada num corpo* seguirá sua sina, ainda que o passar do tempo a tenha feito velha e decrépita num corpo (e mundo) que sempre se renova, a cada *revelação de ser*. E todo recurso, cada subterfúgio ou artimanha criado pela alma para negar sua *prisão* redonda numa nova e irresistível investida da corporeidade: *mesmo que não haja músculos, que não haja carne... que não haja mundo, eu sou*, dirá o filósofo; mas é-se o que? Essas aberrações de tempos sombrios, homem-sem-mundo ou mundo-sem-homens, terão seu auge na filosofia de Kant que, de modo definitivo, bate o martelo (ao invés de utilizá-lo para *filosofar*): metafísica é

¹ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. 13ª ed. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 38.

especulação! Ora, a julgar que a filosofia francesa contemporânea ainda se aventura pelos escorregadios caminhos do Ser, seria ela – por silogismo – *especulativa*? Com isso, conforme sugeriu o velho e sempre renovado Nietzsche, pode-se revelar o quanto *ainda acreditamos na gramática* e medir *em que medida ainda somos devotos*?

A filosofia francesa contemporânea partilha muitas *premissas*, desde a afirmação da irresistível *força das coisas* ao ato humano *absolutamente livre*; ainda, a partir da necessidade insuperável de jamais apartar-se da *mundanidade do mundo*, a filosofia na França fala sim com sotaque alemão. E poucas palavras bastam para lembrar a toda ontologia contemporânea sua dívida, contestada ou remida, com a filosofia alemã: sem Kant, sem a prerrogativa de que o ser não é um predicado real, é de se supor que Husserl jamais tivesse falado em *intuição categorial*; e, sem isso, Heidegger poderia ter passado à história da filosofia como um comentador fracassado de Aristóteles. Mas a história, acostumada a desvios e atalhos, não obedece às linhas retas traçadas pela razão: a suprema dicotomização do mundo em sensível e inteligível (racionalismo e empirismo) realizou sua síntese de modo paradoxal, pois não foi senão por uma decisão *metafísica* (*leis*, o *tribunal* da Razão) que *toda metafísica* foi relegada ao plano obtuso da *elucubração*. Desse ambiente, por hostil que pareça, Husserl insiste que o categorial, de algum modo, *revela-se na intuição*; e Heidegger, atento à lista de *categorias* intuídas, pergunta-se – do ponto de vista dele mesmo, *Dasein humano* – que quer dizer *Ser*?

A pergunta, dita em alto e bom tom na Alemanha, foi ouvida na França; mas é discutível dizer o mesmo sobre a resposta: os ecos da *ciência de essências* foram longínquos, tanto para Sartre quanto para Merleau-Ponty; *ser-para-a-morte*, por exemplo, apesar de gestar um elefante, na França não chegou a parir sequer um rato. Pudera: o Ser se diz de muitas maneiras. E o que Bergson propõe é algo que – de certo modo – antecipa o projeto de descrever a dimensão *temporal* da existência a partir da *intuição* da duração; tão perto mas tão longe, o desenrolar do pensamento filosófico contemporâneo na França fez, a um tempo, cessar o *bairrismo*, e Husserl é recebido com salvas enquanto nas sombras Bergson permanece calado. O rio segue seu curso, e serpenteando em sua história, será Sartre a buscar em Husserl um realismo que, parece, esteve ausente da obra do filósofo alemão até mesmo em suas noites mais febris; tarefa encampada também por Merleau-Ponty, esse belo rebento da *fenomenologia francesa*, que encontra nos inéditos de Husserl o antípoda do próprio Husserl.

Sartre ensina que *o sentido do ser-para-outro* é o conflito; a sequência de assaltos inicia-se. De seu lado do ringue, Merleau-Ponty – que nem óculos usava – vê claramente Sartre insistir na intencionalidade da consciência, e tentar a todo custo afirmar a liberdade que se realiza *misteriosamente* (acontecimento absoluto) num corpo-em-si que, sendo para-si, é como *liberdade-negação-de-tudo*; e todos, até de si mesmo. Sartre, por sua vez, mesmo com toda sua limitação visual, afirma ver bem que Merleau-Ponty volta-se para a percepção,

e que *reaprender a ver o mundo* exigirá do filósofo, por escambo, afirmar um mundo antes do mundo (sentido autóctone). O que os aproxima, a fenomenologia, é também a razão de seu distanciamento, não somente teórico mas, sobretudo, *prático* (ruptura dramática). Bergson também tinha olhos atentos: ele viu, antes de todos, que se vistos em sua *imagem*, realismo e idealismo nunca foram mais que *miragens*; mas a fenomenologia já tinha ido muito além do *burburinho* de sua chegada na França. Teria sido o barulho ensurdecido do método colhido na Alemanha a razão de Bergson permanecer, mais uma vez, sem ser ouvido? Trágica história francesa, de tantos gritos dentre um povo que se orgulha por *jamais parler fort*.

Trágica em sua beleza, ou bela em sua tragicidade, a história da fenomenologia é digna de um filme de espionagem, ambientado nos anos de 1960; ou de gângster, isso dependerá do ponto de vista. Mas vale a remissão, a começar pelo pai: Husserl, em suas incursões *Lógicas*, antes de discípulo de Brentano ou de mestre da *ciência de essências*, é *continuador de Kant*. Se a filosofia crítica serviu para *limpar o terreno* Husserl, assim como antes dele Hegel e tantos outros idealistas, tinha por objetivo *levar adiante o projeto de uma filosofia pautada pela Razão*; e se parece forte o termo traição, é fato o fato de Husserl – idealista – lamentar por toda a vida seu *desvio* realista. E, pode ser que não estivesse enganado: ele experimentou o dia de ser *demitido* de sua função de filósofo; e, pior, a única e definitiva razão foi o *fato* de que ele *era judeu*. Mas teria o mestre esquecido as agruras impingidas aos mais

novos filósofos alemães, revelando-lhes que são vítimas de certa *tendência antropológica*? Heidegger, claro, e seu Dasein (*Ser e Tempo*). E se o sentido de ser-para-a-morte pode ser discutível, a *morte mesma* cuidou de aplacar a disputa, ao deixar sós Heidegger e Sartre; o primeiro perdeu Husserl no auge de sua produção, em 1938. Sartre em 1961, quando escreve emocionado a despedida a Merleau-Ponty, que morreu apenas cinco anos após a ruptura definitiva entre eles.

Escolado por seu mestre e sem atentar para os rumos do pós-guerra, Heidegger devolve a gentileza aprendida; chamado de antropólogo por Husserl, ele chama Sartre de jornalista – mero incidente diplomático. Mas o que dizer da ruptura pública – áspera, agressiva, violenta – de filósofos que, pode-se dizer, *irmanam-se* em vários sentidos? Como entender a escolha pela *guerra total*, eleita por pensadores que, a toda prova, partiram do mesmo *ninho* e não sobrevoaram campos tão distintos? Ainda, vale provocar: por que franceses, historicamente satisfeitos e saciados de si mesmos, no século XX lançam seu foco de luz para a Alemanha, deixando na sombra sua *tradição*? Ou será que Sartre, além de nietzschiano não assumido, teria guardado nas amarras de sua ontologia aquelas cordas fiadas por Descartes? Ou, quem sabe, Merleau-Ponty seja mais bergsoniano do que sua capacidade de síntese e perspicácia filosófica conseguiu esconder? Quem sabe a *vontade de verdade* – crítica antecipada do martelo nietzschiano a toda filosofia – tenha fincado seus pés na terra de Nietzsche, tanto quanto o *Élan Vital* de Bergson embalou secretamente os rumos do pensamento filosófico na

França. Mas o que resta dessa bela página da história da filosofia? Muita coisa, acredite! Muitas são as rupturas aparentes, perguntas e dúvidas, e ainda mais numerosas suas explicações, razões e *desculpas*.

Não se trata de fechar os olhos para o mundo destrozado que inaugura o século XXI, mas se ainda cabe buscar respostas ou alternativas, elas não parecem estar longe, nem temporal, nem espacialmente: ser-no-mundo, aqui e agora. Foi com essa motivação que o Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Existencialismo (CNPq-UFJF), com apoio do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFJF, realizou o I Ciclo de Palestras que, nessa primeira edição, teve como tema Natureza e Liberdade, nessa ordem. Sabe-se que, desde que Platão duplicou o Ser em realidades distintas (duplo alma e corpo), as filosofias passaram a sofrer de um mal congênito: a dualidade, que de novo se expressaria no duplo ‘liberdade e natureza’; mas não. Aqui, seguindo a explicação mais conhecida dessa mudança metodológica propiciada pela fenomenologia, primeiro o homem é no mundo e, somente então, escolhe-se (a existência precede a essência) – natureza e liberdade, nessa ordem, teve sua primeira edição no dia 29 de outubro de 2018, com a presença de Luiz Damon Santos Moutinho;² em sua palestra, intitulada *Natureza e liberdade em quiasma*, o professor traz à baila Merleau-Ponty que, com essa noção, ultrapassa a dicotomia supracitada. De fato, superar a repetição de duplos que marca a filosofia desde Platão até, ao

² Cabe registrar que, na mesma ocasião, foi lançado o livro ‘Ética e liberdade em Sartre – da negação da infância ao homem infantilizado’, resultado de meu trabalho de pós-doutoramento (Lyon 3-CAPES, 2016).

menos, Kant, exige um *vínculo* ou *elo* – nada de glândula pineal! –, o filósofo fala de *quiasma* entre natureza e liberdade; ou, *Pensar o quiasma é pensar conjuntamente a natureza e a liberdade, o corpo e o espírito*: a prerrogativa do mundo é sim *espírito* que brota da carne, e nela permanece; é a carnalidade do mundo que revela ao homem o que o homem é. Ou caberia perguntar, *é* ou *escolhe ser*?

O Primeiro Ciclo de Palestras foi projetado para *ser um longo debate* que, embora realizado em dias diferentes, permitisse o diálogo entre filósofos e suas filosofias; e foi assim que, partindo da alternativa merleau-pontyana, o debate encaminhou-se para a *fonte* de onde brotam as *ontologias* contemporâneas: em sua palestra, proferida dia 13 de novembro de 2018, por título *Natureza e liberdade em Husserl: Epoché e constituição do mundo*, Aimberê Quintiliano mostra a *visão renovada da relação entre sujeito e mundo* propiciadas pelo então *novo método*, aquele de *voltar-se às coisas mesmas*, a fenomenologia, claro. Ao custo de relegar a liberdade somente ao ‘sujeito puro’, Husserl – mostra o professor – reserva o espaço do ‘sujeito encarnado’: *encarnado, cognoscente, agente no mundo e ligado às formas do pensamento e da própria materialidade*; portanto, a liberdade ‘atual’, por limitada que seja, anuncia-se como como ‘condição’ da liberdade transcendental. Sim, Husserl, ainda que por vezes renegue seus filhos, é pai e avô das ontologias fenomenológicas, mesmo aquela de Sartre – que insatisfeito com a liberdade relegada à *pureza do sujeito*, leva-a para a ação mundano-concreta. Ou, para o ambiente literário, como se deu no dia 21 de novembro quando Luiza

Hilgert, em palestra intitulada *Natureza e liberdade: o corpo na ficção sartreana*, corrige um erro comum na interpretação da filosofia da liberdade de Sartre: ele não teria tematizado o corpo, ocupado que estava com a liberdade. Não. E isso é demonstrado pela pesquisadora numa viagem pela ‘relação a si’ de personagens da literatura, que vão desde *O anjo do mórbido* aos *Caminhos da liberdade*, com passagens memoráveis pelo conto *Intimidade*. Sim, são personagens, mas que bem poderiam ser qualquer homem ou mulher que existe ou possa ter existido: é um ato livre *fazer-se no mundo*, e isso, de certo modo, exige *escolher seu corpo*, ao menos naquilo que ele leva de signos e símbolos cultural e socialmente apreendidos (situação). E, prolongando essa conversa desde outro viés, no dia 29 de novembro de 2018 tivemos a presença de Carlos Eduardo de Moura que, em sua palestra *Liberdade e Necessidade: pensando a condição humana entre contingência e determinação*, revela a liberdade situada na história, ou seja, não é somente no ambiente do fazer literário que se pode falar da liberdade, mas ela se aplica ao homem-no-mundo – ainda que seja como *contingência original nas malhas do determinismo*; ainda assim, é liberdade. E isso leva Sartre às paragens da dialética: aquela em que os homens fazem sua história sim, ainda que *sob a base das circunstâncias anteriores*; dialética da necessidade e da liberdade, presentes na práxis individual – é dessa tensão que homens e mulheres são livres e fazem escolhas. A liberdade não é um poder indeterminado, de dizer sim ou não; mais do que isso, ela *nadifica ser*, traz o ser ao mundo, faz mundo. Notável que as respostas sartrianas no

ambiente da *filosofia dominante* (marxismo) carreguem um fundo de relação ao ser que, por insuspeito que seja, refletem a tradição francesa, se assim se pode chamar a Bergson.

Foi para esse lado que o debate rumou no 4 de abril de 2019, retomada do I Ciclo com a palestra *Natureza e Liberdade em Bergson*, proferida por Tarcísio Santos Pinto. O debate se amplia, e apesar (ou além) do método alemão ter sido o mote da filosofia contemporânea francesa, a sombra de Bergson se faz notar; não se pode esquecer que também ele mostra o *vínculo fundamental e necessário* entre natureza e liberdade, *realidades vivas que nos permeiam* – ou ainda, e sem relações com a fenomenologia husserliana, há *mútua dependência entre escolha e determinação*; é verdade que em tal cenário a liberdade absoluta não se revela, mas Bergson mantém *a liberdade como essencial*, mesmo que *um pouco mais* que matizada pela situação. Sartre, do muito que tem a discordar de Bergson, *encarna a transcendência*, como tentei mostrar no dia 25 de abril de 2019, na palestra *Sartre e a encarnação do sujeito transcendental*: a consciência exige sua carnalidade, tanto quanto somente se pode falar de liberdade (ou consciência) quando há corpo. Liberdade em situação, ainda que *angustiante*? Sim, pois essa foi a tônica da palestra de Fábio Cáprio no dia 16 de maio de 2019, intitulada *Sobre o que a ciência não pode objetificar – a angústia em Kierkegaard, Heidegger e Sartre*. E, como bem o revela o título, trata-se de desvelar aquilo que *resiste ser tratado em sua dimensão objetiva*: a angústia, em seu *significado mais profundo* (existencial), desvelada por Kierkegaard e que tem papel relevante, quiçá

primordial, nas filosofias de Heidegger e Sartre; e, sobretudo, *útil nos dias de hoje* como trincheira sempre resistente ao naturalismo. Outro tanto pode ser dito de resistir ao idealismo e a toda sorte de determinismos ‘totalizadores’ do fenômeno de *ser-no-mundo*, modelos inócuos quando contrastados com a *paixão sofrida*, com a *descoberta da liberdade* (náusea) ou com a *necessidade da escolha*. E Sartre adverte: a liberdade tem como fundo uma condenação, visto ser impossível ao para-si deixar de ser livre (parar de escolher é uma escolha); a liberdade comporta uma pena a cumprir?

Sim e não. O paradoxal de ser livre é que a *obrigação por escolher* não termina senão com a morte; e, independentemente da intenção, toda escolha produz resultados e, claro, a responsabilidade pelo resultado da escolha. É para esse ambiente tortuoso que aponta a palestra da professora Thana Mara de Souza, intitulada *Sartre e a condição humana: a condenação a uma natureza imposta pela existência* (dia 23 de maio de 2019). A *situação*, porque *não escolhida por nós mesmos*, revela a liberdade na mesma medida em que exige decisões; e *parte da situação*, não se pode esquecer, decorre de *escolhas pregressas*: essa *natureza* do eu revelada *durante a existência* pelo olhar do outro é, em suma, a facticidade de cada para-si. Então a liberdade sartriana mereceria reparos em suas intenções absolutas? Ainda não há uma resposta; muitas perguntas: por que a condição humana encaminha a escolha pela *negação da liberdade*? A palestra *Natureza, liberdade e tirania no ‘Discurso da servidão voluntária’, de Étienne de la Boétie*, proferida por André Constantino Yazbek

dia 6 de junho de 2019, chamou a conversa para esse lado. A aporia, de homens livres que optam *livremente* pela supressão da própria liberdade em favor de alguém (tirano), merece seu capítulo: *como voluntariedade pode ser a liberdade de submeter-se de bom grado ao jugo?* Seria *natural* a escolha por migalhas de poder ao invés de, ante o quadro inaceitável da *servidão voluntária*, destruí-lo em sua base? E, livres da tirania, o que poderia reconstituir o modelo social? Amizade, o grande acordo que poderia aqui relevar a desconfiança humana, assim como poderia tornar menos rude o *olhar* que me objetiva em *meu eu*? Por fim, voltamos a Nietzsche, filósofo da existência que, muito antes de Sartre, redigiu a mais contundente resposta à dualidade platônica: a palestra *O corpo é uma grande razão, ou consciência e natureza em Nietzsche*, proferida por Joana Brito de Lima Silva no dia 4 de julho de 2019, tratou de mostra-la.³ De Platão a Kant, nunca tratou-se de negar a *subjetividade*, mas de recoloca-la em seu lugar devido; ou *devolver-lhe* suas fenomenológicas proporções. Muito antes da fenomenologia husserliana Kierkegaard o fez, pela afirmação da paixão sofrida: a angústia reflete a individuação que *faz minha* a dor que sou; mas coube a Nietzsche desfazer os castelos de areia do dogmatismo racionalista. A hipérbole do intelecto, mostra o filósofo, é a prova incontestada do esforço de afirmação dessa *pequena razão* que, por mais agigantada que seja ante o corpo (grande razão), nunca será mais que seu espectro. Essa é, do ponto de vista da

³ Efetivamente, antes dessa palestra tivemos como programação do evento "Natureza e linguagem: Nietzsche leitor de Rousseau", palestra apresentado por Thelma Lessa (UFMS) no dia 28 de junho de 2019.

existência, a razão do malogro de todas as filosofias idealistas, racionalistas ou transcendentais: o exagero da atenção dispendida e o lugar indevido dado a esse *espectro*, descrito por Platão e tornado lugar da verdade pela tortuosa história da filosofia. E vinte séculos de esforços estão aí para mostrar que mesmo os recônditos mais *puros* da consciência são parte de um corpo; a natureza, se assim se pode nomear aquilo que é o homem antes de *ser-si-mesmo*, impõe-se como grande razão. A liberdade situada, o quiasma, o sujeito encarnado – dentre outras – são ainda tentativas de devolver ao ser humano *seu ser*; por consequência, devolver-lhe *seu mundo* e, se possível, sua liberdade. Paradoxalmente, *voltar-se para as coisas mesmas* reveste-se de um sentido muito próprio no ambiente existencial: afirmar a corporeidade (e todas suas mazelas no ambiente filosófico) passa a ser pressuposto para se falar em liberdade... em tempos de existências virtuais a natureza, humanizada que seja, impõe-se. Enfim, será que Platão errou?

Agradeço a todos e todas que estiveram presentes no Primeiro Ciclo de Palestras – Natureza e Liberdade! Desejo boa leitura.

Luciano Donizetti da Silva